

O perfil do professor de Língua Portuguesa: ensinar língua ou ensinar gramática?

COSTA, Maria Stephanie Santos da.

junho97@bol.com.br

SANTOS, Josefa Ferreira dos.

josf1948@bol.com.br

TORRES, Ana Patrícia Bomfim

tíciabt@hotmail.com.br

MEIRELLES, Claudia. (Orientadora)

Meirelles.claudia@terra.com.br

Especialista em Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa, atualmente professora do curso de Letras da Universidade Tiradentes

RESUMO: O artigo apresentado visa levantar reflexões acerca do ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa através de teses apresentadas por autores que abordam os fatos da língua como estudo, considerando um drama para aqueles que buscam o conhecimento numa nova perspectiva para o uso e aplicação da gramática no ambiente escolar bem como sugerir inovações no processo de aquisição da linguagem oral e escrita buscando priorizar a leitura e a produção textual.

Palavras-chave: Ensino.Gramática.Língua. Reflexões.Textos.

O perfil do professor de Língua Portuguesa: ensinar língua ou ensinar gramática?

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como principal objetivo focar os procedimentos metodológicos do professor de Língua Portuguesa no processo de ensino-aprendizagem, bem como torná-lo consciente de que seus alunos dominam uma variante da língua que pretende ensinar. O meio utilizado para o desenvolvimento deste artigo foi a pesquisa bibliográfica fornecendo subsídios complementares para a conclusão deste.

Considerando abordagens dos autores em suas obras no decorrer do nosso curso, é relevante ressaltar a preocupação desses em apresentar teses que levantam reflexões sobre a prática do professor de Língua Portuguesa em sala de aula. O espaço destinado ao texto deverá ser maior que o da gramática. Desta forma serão alcançados resultados satisfatórios, despertará a criatividade e o contato com a leitura priorizando o texto, deixando de lado as antigas repetições sem sentido, impondo seus alunos a uma verdade absoluta através das *gramatiquices*.

Infelizmente, os textos ainda são utilizados pelo professores tradicionais como pretextos para enfatizar a norma como uma única alternativa a ser desenvolvida. Convém evidenciar que o principal objetivo da utilização dos textos em sala de aula é promover reflexões e debates acerca dos conteúdos propostos a fim de desenvolver os conhecimentos lingüísticos internalizados dos alunos, aceitando suas idéias e mostrando a possibilidade de ampliação deste conhecimento que já dominam, ou seja, a língua materna.

Autores como Sírio Possenti, Marcos Bagno, Celso Pedro Luft, entre outros, serviram como fundamento para as análises e desenvolvimentos desta pesquisa. Percebe-se as preocupações desses com o objetivo de abrir perspectivas para o ensino da língua portuguesa, pois é na sala de aula que devem ser desempenhadas as práticas da leitura e escrita, atividades essenciais para o ensino da gramática.

Analisando as linhas de pesquisas feitas através do estudo designado ao processo de aquisição da leitura e da escrita, verifica-se a relevância do professor de Língua Portuguesa em sala de aula, que por sua vez exerce o papel não apenas de transmissor de conhecimentos, como também de um mediador destinado à reflexões sobre a língua.

No decorrer das pesquisas, foi percebida, sem nenhum momento hesitar que, a prática de ensino deve ser voltada aos fatos da língua, decorrentes das variações lingüísticas. O processo de aquisição da linguagem não vai restringir-se apenas ao uso de regras, as quais devem ser dominadas para serem utilizadas nas diferentes situações do uso da linguagem escrita sem direcioná-las a todos os agravantes da língua, assim como: a gramática internalizada.

O perfil do professor deve ser traçado com metas significativas que possam ajudá-lo a desempenhar um trabalho produtivo com seus alunos utilizando todas as ferramentas, considerando os valores sócio-culturais de cada aprendiz. O professor exercerá sua atividade de maneira sagaz, promovendo trabalhos direcionados a pesquisas dos usos da língua, envolvendo os diversos campos em que a linguagem se manifesta, descartando assim a homogeneidade da gramática em sala de aula.

Um dos pontos fundamentais seria o supracitado, pois está correlacionado com a gramática internalizada facilitando o aprendizado dos alunos e um bom rendimento escolar. Aumentar o nível da capacidade crítico - reflexiva é uma das

propostas de ensino do professor de Língua Portuguesa, já que esta é a fonte de todas as ciências. Para o desempenho destas propostas é necessário dar espaço aos textos tornando indispensáveis seus usos, servindo como fundamento para dar início a uma nova proposta a ser adotada em sala de aula.

Para POSSENTI (1996:73) *É importante que fique claro que seguir uma ou outra regra de uma gramática produz avaliações sociais do tipo “é culto”, é “inculto”. Mas, certamente, seguir uma ou outra regra não indica menor ou maior inteligência, maior ou menor sofisticação mental ou capacidade comunicativa.*

Portanto é necessária uma evolução no ensino da Língua Portuguesa fazendo justa a mudança na concepção de língua e ensino de língua na escola.

1.O perfil do professor de Língua Portuguesa numa era tecnológica

A função do professor na era tecnológica é dar significado ao manuseio deste novo espaço destinado à escrita, o computador. Este meio é um recurso de grande importância, embora ainda gere polêmicas no ambiente escolar ao passo que para uns é considerado um perigo e para outros, um forte aliado na busca de informações.

Esta problemática é vista em todos os níveis de ensino, pois os alunos, em sua grande maioria, estão conectados a este mundo virtual, que não está restrito apenas aos computadores, mas também a todos os meios tecnológicos como: vídeo, televisão, revista, entre outros.

Diante desses novos espaços, o mediador da aprendizagem deve encaminhar seus alunos alertando-os quanto ao uso, já que esses continuam pesquisando sem um direcionamento adequado, quando procuram esse labirinto de informações. Recomenda-se a esses profissionais da educação mais cautela quanto ao

encaminhamento e revisão dessas pesquisas apresentadas pelos alunos analisando minuciosamente as múltiplas informações a partir de critérios estabelecidos e prioritários.

Os pontos de partida serão os meios didáticos que propiciarão a análise crítica dos conteúdos expostos no ambiente virtual, os quais em sua maioria, são fragmentados por não seguirem uma linearidade.

É fundamental registrar neste estudo uma abordagem acerca desse ambiente, observada no artigo de Luzi Antônio Marcuschi (In: AZEREDO:2002:91) *Isto conduz a uma nova visão das teorias de produção e compreensão textual e, particularmente, ao desenvolvimento de novas investigações para maior cautela no uso generalizado do hipertexto como forma textual mais adequada para o ensino.*

Tendo este espaço como referência, cabe ao educador conscientizar seus alunos a refletirem acerca de suas escolhas e caminhos, valorizando o objetivo específico da pesquisa, pois o meio virtual encontra-se impregnado de conteúdos generalizados que abordam um mesmo tema apresentando infinitas exposições.

A utilização do computador propicia também a produção textual no ambiente escolar. O professor pode tornar-se um examinador, avaliando os textos extraídos deste ambiente. Ele deve estar capacitado a utilizar os recursos tecnológicos para beneficiar a construção do conhecimento dos seus aprendizes.

O educador deve utilizar-se da tecnologia com subsídio para facilitar as pesquisas dos alunos despertando em cada indivíduo seu potencial criativo estimulando o raciocínio lógico, desenvolvimento da escrita através do e-mail e também das constantes leituras encontradas no ambiente virtual.

Para obter resultados satisfatórios, torna-se necessária a intervenção do mediador, o qual deverá esclarecer as dúvidas e estimular seus alunos na busca de

novos conhecimentos. Este deverá estar apto a governar as atitudes de seus alunos fazendo uma análise crítica em torno dos conteúdos pesquisados e explorados aflorando a mente de seus alunos com as diversidades de conhecimentos existentes neste novo espaço da escrita.

Exige-se atenção e decisão constantes do mediador para que a leitura seja produtiva e proveitosa antes de ser divulgada para toda a classe já que os temas abordados são, em sua maioria, interessantes e atuais, desde que os fatos narrados venham contribuir para ampliação do conhecimento.

Foi observada nos Parâmetros Curriculares Nacionais uma abordagem acerca da tecnologia de informação explicitando a utilização dos meios de comunicação pela sociedade e como estes devem ser recepcionados no ambiente escolar. Havendo uma mediação necessária e adequada dos professores será dado um impulso à inovação do ensino dando significado nas práticas pedagógicas, pois a leitura e escrita continuarão presentes apenas expostas de uma forma veloz e facilitadora.

Tomar a tecnologia de informação como um recurso didático para o trabalho pedagógico devem ser consideradas as práticas sociais nas quais estejam inseridas para: conhecer a linguagem videotécnológica própria desse meio; analisar criticamente os conteúdos das mensagens, identificando valores e conotações que veiculam; fortalecer a capacidade crítica dos receptores, avaliando as mensagens; produzir mensagens próprias, interagindo com os meios.(PCNS,1998)

2.Gramática Internalizada: contribuição para o ensino de Língua Portuguesa?

Sírio Possenti define a gramática internalizada como um conjunto de regras que o falante domina. Sendo assim, é possível perceber que a linguagem é responsável por vários sentidos que são atribuídos à nossa comunicação, ela é adquirida automaticamente no meio familiar e sócio-cultural.

Ressaltamos a importância da gramática internalizada no meio escolar considerando o conhecimento prévio do aluno como recurso para o ensino da Língua Portuguesa, pois detecta - se o quanto esta pode contribuir para o desenvolvimento das práticas pedagógicas aplicadas em sala de aula.

Para Sírio Possenti (2001: 27) *O português é uma língua tão fácil que qualquer criança que nasce no Brasil (e em alguns outros lugares) a aprende em dois ou três anos.* O que vem justificar estas idéias é o conhecimento gramatical que as crianças, com pouca idade, já começam a devolver e a expor seu domínio diante da língua materna sem ter contato nenhum com a escola, pois este conhecimento é inato e serve como subsídio para o professor de língua.

Portanto todas as crianças são capazes de aprender uma língua no seu convívio familiar. Pode-se perceber isto claramente no nosso cotidiano já que elas conseguem produzir frases significativas e compreensíveis aos interlocutores.

O autor mencionado afirma também que: *Todos sabem falar e saber falar significa saber uma língua,* portanto é importante levantar reflexões acerca do conceito de gramática mostrando a diversidade desta e enfocarmos a variação lingüística predominante na nossa língua. As abordagens de Bagno também servem como subsídio para o entendimento da variação do português. Ele define o

Português não padrão como o português que segue uma tendência natural da língua. Por este motivo é que merece destaque a aceitação desta variante no ambiente escolar.

Desta maneira são respeitadas as diferenças existentes no ambiente escolar que é o papel fundamental do professor de língua a partir do contato com alunos oriundos das camadas populares. Ele deve ser consciente de que seus alunos já dominam a sua língua materna, pois sabem articular idéias e formular frases com sentenças significativas.

Esta reflexão não pode ser considerada nas aulas de inglês nas escolas brasileiras, pois seus falantes não dominam esta língua, eles não dominam e não produziram sentenças.

Contudo, saber falar significa efetivar uma comunicação e não dominar padrões gramaticais. Percebe-se que todos os alunos comunicam - se perfeitamente no ambiente familiar e escolar. Eles precisam apenas dominar o padrão escrito, o qual é obtido através da leitura e escrita constantes.

Tornam-se indispensáveis no perfil do professor, noções de lingüística moderna, pois esta dará alternativas de como adaptar reflexões nas aulas de língua portuguesa já que são basilares para o ensino contemporâneo, certamente voltado para as questões da língua.

O mediador precisa praticar os conhecimentos que visam o falante como indivíduo conhecedor de sua língua materna dentro dos padrões lingüísticos, esta é inata deste próprio homem, ou seja, nascemos com uma estrutura lingüística genérica a que nos dá capacidade de apreensão de uma língua natural e será estimulada pelo meio social.

Com base nesses conceitos, é incontestável admitir que os alunos não sabem sua língua já que, saber uma língua, significa efetivar a comunicação verbal, ou melhor, dominar a língua falada de acordo com seu nível sócio-cultural, embora há preconceitos existentes na língua falada, pois a escola deve trabalhar o ensino do português, voltando-se primordialmente a fala dos alunos. Assim, haverá um direcionamento a escrita de uma forma natural.

Para LUFT (2001): *É normal que chegando à escola a criança não saiba ler nem escrever. Ela deve ser alfabetizada e aprender a língua em letras.* Recomenda-se um direcionamento dos alunos considerando sua língua materna, pois está claro que todo indivíduo adentra no ambiente escolar sem dominar a leitura e escrita, como apresentou o referido autor nessa passagem citada. O professor deve estar informado da gramática dos nativos para que encaminhe seus aluno a prática, desenvolvimento e crescimento da língua nos diversos níveis e situações.

3.Sala de aula: prioridade para a leitura e escrita

A prática do professor de Língua Portuguesa tem como foco designar caminhos para as pesquisa, descartando a possibilidade de comportar-se como imitador e repetidor da gramática, como faziam os alexandrinos no uso da Gramática Tradicional.

O português - padrão deve ser ensinado a partir de uma análise crítica da própria norma, levando o aluno a perceber se o que está contido nas gramáticas ainda é realmente utilizado pelos falantes, independente das classes sociais as quais pertencem.

Para pôr em prática essas afirmações, observam-se os usos dos pleonasmos como: entrar para dentro, subir para cima como também bela caligrafia e nefrite nos rins, tão correntes no cotidiano. Tanto os primeiros exemplos quanto os segundos são redundantes, embora as gramáticas só enfatizem os primeiros, pois os mesmos são utilizados por falantes de classes desfavorecidas. Percebe-se então o preconceito existente já que em todas as formas há um uso repetitivo.

Cabe ressaltar também a colocação dos pronomes oblíquos em textos modernos, nos quais observa-se a inexistência do uso pelos escritores, embora os gramáticos insistem evidenciá-los. Havendo uma proposta de pesquisa para os alunos analisarem minuciosamente estes tópicos, eles concluirão que nem tudo o que está prescrito poderá ser imitado ou está sendo repetido.

Para ratificar esta análise é relevante a afirmação feita por Bagno (2001: 157)

No plano estritamente lingüístico, implica mostrar, cientificamente, de que modo a norma-padrão é uma tentativa de conservação de formas lingüísticas ultrapassadas, que não são nem melhores, nem mais bonitas, nem mais lógicas que as formas presentes nas variedades reais, mas apenas consagradas pelo uso de segmentos privilegiados da sociedade.

Estes fatos irão refletirem a partir do século XX quando os lingüistas irão romper com o conservadorismo da gramática. A língua começa a ser trabalhada como objeto de ensino, abandonando a tradição gramatical que visava preservar e imitar os exemplos a serem seguidos.

Desta maneira, considera-se relevante o ensino do professor voltado para as questões da manifestação da língua materna reproduzida pelo aluno, pois o mediador não deve restringir seus ensinamentos apenas ao português-padrão,

respeitando as diferenças das múltiplas faces da língua. Concomitantemente seus alunos entenderão a heterogeneidade da língua comumente empregada em nosso cotidiano.

Cabe ao professor, utilizar durante suas práticas de ensino, procedimentos que viabilizem as diversidades existentes em nossa língua. Para que isto ocorra é necessário trabalhar os inúmeros falares e escritos presentes no meio social.

Segundo NEVES (2004:80) *A competência lingüística do falante se estende à organização das peças de interação, seja em textos continuados, seja em peças produzidas em co-autoria, como as conversações.*

No capítulo intitulado: A mediação do professor no trabalho com a linguagem, contido nos PCNS da Língua Portuguesa, aborda a aceitação da variação lingüística, pois o professor deve mediar seus alunos levantando reflexões acerca do diferente contido nos falares desses aprendizes.

Trata-se de instaurar um espaço em que o diferente não seja melhor nem pior, mas apenas diferente, e que, por isso mesmo, precise ser considerado pelas possibilidades de reinterpretação do real que apresenta; um espaço em que seja possível compreender a diferença como constitutiva dos sujeitos.

Nesta pesquisa, é importante endossar o que Bagno tornou evidente ao discorrer a pluralidade dos textos a serem pesquisados pelos alunos durante as aulas de português como: os textos literários clássicos e modernos, notícias de jornais, histórias em quadrinhos, páginas da Internet, gravações de documentários na televisão, de programas de rádio, de telenovelas, de programas de entrevistas, de gravação de fala espontânea de pessoas de diversas extrações sociais e geográficas, entre outros.

Assim, serão aplicadas propostas que valorizam o *todo* da língua, sendo desnecessárias a atenção apenas para algumas particularidades da gramática.

Estas propostas também podem ser vistas no Parâmetros Curriculares Nacionais, no qual percebemos a evidência destas e a urgência na aplicação no ambiente escolar.

Desenvolver atividades voltadas para o *todo* da língua é mostrar ao aluno e torná-lo consciente de que ele já sabe esta língua, pois o mesmo domina uma variedade desta. Torna-se necessário apenas que ele aprenda e conheça outras formas de expressão desta, as quais já foram apresentadas anteriormente neste estudo.

4.O professor deve trabalhar apenas as regras gramaticais ou os fatos da língua?

Certamente deve-se dar ênfase aos fatos da língua, pois o saber lingüístico internalizado dos falantes nativos é completo, já que eles possuem este conhecimento e são dotados de todos os elementos necessários para a comunicação, independente do contexto sócio-cultural, no qual encontram - se inseridos.

Segundo LUFT(2001): *Mesmo a criança de cinco ou seis anos que já fala com desembaraço, e o mais humilde dos analfabetos, necessariamente dominam a gramática completa que preside seus atos de fala. As crianças nestas idades são dotadas do saber lingüístico, ou seja, a gramática internalizada e mesmo as pessoas que não tiveram acesso a escola também são detentoras deste saber.*

A Teoria da Linguagem é bastante enfocada por Chomsky ao tentar mostrar teoricamente a importância dessa gramática através de princípios que correspondem ao funcionamento da linguagem. O aluno é detentor do conhecimento da gramática natural porque dominam um sistema infinito de regras demonstrando sua

capacidade criativa e verbal produzida por eles. Este lingüista, em suas explanações, distingue a competência e o desempenho. Trata a competência como a capacidade de se comunicar por meio de sinais vocais (língua) e o desempenho como o comportamento lingüístico, os efeitos dos atos da fala, as situações circunstanciadas das virtualidades desses sistemas.

A partir da convivência lingüística, o falante é dotado de um saber lingüístico, pois domina sua língua nativa. Ele internaliza um sistema de regras que é chamado de gramática natural; neste convívio social os indivíduos utilizam essas regras naturalmente.

Percebe-se claramente que no ambiente familiar são construídas frases bem-formadas da língua. Jamais os falantes construirão sentenças utilizando o artigo após o substantivo como: gato o, cabeça a. Sintaticamente, eles já formulam construções perfeitas sem estarem expostos a nenhuma instrução explícita, ou seja, a gramática normativa, ainda exigida constantemente nas escolas através de exercícios que enfatizem a categorização desses termos.

As frases são expostas e os alunos devem classificá-las de acordo com o que é exigido. Sabemos que tanto gato quanto cabeça, em um outro contexto, necessariamente o que não espera a professora, poderá ser entendido como adjetivo. Por exemplo: Assisti a um filme cabeça ou Paulo é um gato. Obviamente não será a resposta que o ensino tradicional acatará.

Baseando-se nas definições de Chomsky, fica claro que as crianças comportam-se linguisticamente como adultos, pois conseguem estabelecer perfeitamente a comunicação. Baseando-se nestas afirmativas, torna-se necessária a aceitabilidade da gramática internalizada pelo professor de língua.

As regras gramaticais adotadas em sala de aula, de uma maneira tradicional, deverão ser descartadas, pois o aluno deve ser conduzido à reflexão acerca da norma, ou seja, a gramática deverá ser pesquisada apenas para analisar as potencialidades da língua para atingir o domínio do padrão.

Contudo, a gramática internalizada deverá ser aceita pelo mediador, pois seus falantes já a dominam. Os alunos precisam apenas é tornarem-se conscientes de que precisarão do padrão para relacionarem-se nas diversas situações de comunicação, as quais estão expostos a todo momento, utilizando-se da escrita, pois estes só atingirão o pleno domínio do padrão culto através da diversidade dos textos.

Considerações Finais

Certamente a proposta apresentada contribuirá para as mudanças no ensino contemporâneo de Língua Portuguesa já que aborda uma temática que visa a melhoria do ensino e aprendizagem no ambiente escolar levantando reflexões na prática docente considerando a posição de teóricos e analistas da língua materna.

Esta intervenção é salutar para o processo de construção do conhecimento. O educador estará consciente de que suas atitudes estejam voltadas para os fatos da língua priorizando o saber lingüístico do aluno, a gramática internalizada bem como focar a diversidade textual para práticas de leitura e escrita, essenciais nas aulas de Língua Portuguesa.

Assim, será despertado o potencial criativo de cada aprendiz descartando a possibilidade de torná-lo um mero reproduzidor do que é imposto nas aulas de gramática normativa, embora não seja a pretensão da proposta apresentada.

Espera-se que o aluno produza espontaneamente e automaticamente seus textos a partir de conteúdos pesquisados, analisados e debatidos em sala de aula.

A leitura dos PCNS contribuiu bastante para ratificar e relacionar esta proposta tornando-a pertinente, pois estas reflexões vêm sendo abordadas frequentemente tanto pelos teóricos pesquisados, quanto no ambiente universitário. Descarta-se a possibilidade de utopia. Há possibilidades de concretizá-la desde que o professor esteja disposto a pô-las em prática.

É conveniente inserir um trecho da música de Raul Seixas “*Maluco Beleza*”, já abordada no artigo da professora Maria Tereza Gonçalves Pereira (UERJ), a qual consideramos relevante porque

Maluco Beleza

“Enquanto você se esforça para ser um sujeito normal

E fazer tudo igual

Eu do meu lado aprendendo a ser louco

Um maluco total

Na loucura real

Controlando a minha maluquez

Misturada com a minha lucidez...”

Se o professor de Língua Portuguesa continuar inerte e cego diante desta proposta inovadora e de fácil aceitação priorizando a tão valorizada gramática normativa, os adeptos a esta proposta serão considerados malucos por utilizá-la apenas como uma ferramenta de análise e pesquisa. Enquanto os malucos estão conscientes que continuam lúcidos, os ditos normais ainda seguirão rigorosamente o

tradicionalismo gramatical com práticas insignificantes reprimindo seus alunos com idéias artificiais que permeiam o ambiente escolar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEREDO, Jose Carlos de. **Língua portuguesa em debate: conhecimento e ensino**.3.ed.Petrópolis,RJ: Vozes, 2000.

BAGNO, Marcos. **Dramática da Língua Portuguesa**.2.ed.São Paulo:Loyola, 2001.

BAGNO, Marcos. **A língua de Eulália: novela sociolingüística**.11. ed.São Paulo: Contexto, 2001.

LUFT, Celso Pedro. **Língua e Liberdade**.8.ed. Ampliada: São Paulo, 2001.

MENEZES, Débora. **Tecnologia ao alcance de todos**. Nova Escola, São Paulo, n. 195 p. 31-35, set.2006.

MORAES, Vinci. **Tecnologia de Informação**. Nova Escola, São Paulo, n. 185 p. 35-38, set.2005.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Que gramática estudar na escola?**.6.ed.Contexto.São Paulo: 2004.

PAULINA, Iracy. **Gramática sem decoreba**. Nova Escola, São Paulo, n.201, p.52-58, abr. 2007.

POSSENTI, Sírio. **Por que(não) ensinar gramática na escola**. 2.ed.Campinas: ALB & Mercado de Letras, 1996.

PCNs da Língua Portuguesa de 5ª a 8ª série. Ministério da Educação e Cultura.

RIVOLTELLA, Píer Cesare. **Falta Cultura digital na sala de aula**. Nova Escola, São Paulo, n. 200 p. 15-16, mar.2007.

SILVA,Rosa Virgínia Matos.**Repensando a Língua Portuguesa: Contradições no ensino de Português –Uma língua, diversos falares, o papel da escola diante da norma, norma padrão e normas sociais**. 7.ed. Contexto. São Paulo: 2005.

